

O TAXISTA

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI¹

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento

Campinas - SP

O motorista de táxi parou atrás de um Stilo prateado. Quando o sinal abriu, imediatamente meteu a mão na buzina. O alguém que dirigia o Stilo (as janelas vedadas por *insulfilm* não permitiam identificar o motorista) demorou segundos, mas seguiu em frente. O taxista encostou nele novamente no semáforo seguinte. Mais uma vez, buzinou insistentemente tão logo o sinal verde apareceu. O Stilo demorou... e foi em frente. O motorista de meu táxi o seguiu por mais uns dois quarteirões e concluiu com uma frase definitiva: “— É mole, mesmo!” Houve uma mudança radical. No terceiro semáforo, parou atrás do mesmo veículo, mas desta vez não buzinou. Aguardou em silêncio. O sinal abriu. Ambos saíram. Assim que conseguiu, meu taxista saiu pela esquerda e ultrapassou o Stilo sem nenhuma palavra, sem nenhum gesto. Nem olhou para o lado! No semáforo seguinte, parou atrás de outro carro. Mal surgiu a luz verde, buzinou insistentemente...

Fiquei imaginando a função da frase “É mole, mesmo!”. É uma autorregra que talvez pudesse ser entendida da seguinte forma: *se* o motorista do Stilo é mole mesmo, *então* não adianta insistir em apressá-lo com a buzina. É melhor deixá-lo em paz! Chego a pensar que meu motorista tem tolerância e compreende aqueles que são moles na direção. É intolerante com os demais.

¹ Janeiro/2011. Texto redigido para a seção COTIDIANO do site www.terapiaporcontingencias.com.br